

Psicanálise e Literatura: Hamlet e o grafo do desejo

Com uma trajetória iniciada em 2008, o projeto Psicanálise e Literatura analisa a contribuição de obras literárias para a pesquisa psicanalítica. O projeto atual, intitulado “Psicanálise e Literatura: Hamlet e o grafo do desejo”, enfoca a presença da tragédia *Hamlet*, de Shakespeare (1601), na elaboração desenvolvida por Lacan (1901-1981), ao longo do sexto ano de seu seminário. O método desta pesquisa funda-se no ensaio metapsicológico. O ensaio é uma reflexão que, ao se realizar como um diálogo entre diferentes interpretações, sustenta que os conceitos nunca se fecham. O objetivo específico do projeto é estudar a relação entre a análise da tragédia de Hamlet e a construção do grafo do desejo. Inicia-se por um fio condutor literário: a tragédia Hamlet será interpretada como a tragédia do desejo, isto é, os tempos da tragédia Hamlet são os tempos da constituição do desejo humano. A famosa frase do personagem Hamlet, *to be or not to be*, representaria, portanto, a passagem do primeiro para o segundo tempo da estrutura do sujeito, isto é, ser ou não ser o objeto do desejo do Outro? Esse primeiro fio condutor vai ser tramado com um segundo fio, a topologia dos grafos. Chega-se, então, ao grafo do desejo como uma estrutura topológica que mostra, sincronicamente, o que seriam os tempos da subjetivação: da posição de alienação à demanda do Outro à posição de sujeito desejante. Nessa tragédia de Shakespeare, é possível identificarmos as cenas que representam esses tempos. Assim, na cena em que Hamlet chega ao cemitério e descobre que Ofélia está morta, a assunção de uma posição de sujeito desejante coincide com o surgimento do objeto de desejo. Constitui-se, assim, o conceito de desejo como um desejo de falta: Ofélia é desejada pois inacessível. O grafo do desejo mostra, portanto, a homologia entre a estrutura do desejo e a estrutura da tragédia Hamlet.